

#JUSTIÇARESTAURATIVA

TRANS+RESPEITO

EXISTIMOS!

RESISTIMOS!



PAPOS RESTAURATIVOS SOBRE A
TRANSEXUALIDADE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO



Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
A RETOMADA NÃO PARA

FOTÓGRAFIA

Rogério Alves

REVISÃO

Luiz Filipe Freire

Isabella Fabrício

PROJETO GRÁFICO

Daniele Torres



APOIO

RENOSP - LGBTI+

Programa Virtus/UFPE

Projeto "Asas para Leitura"





A Justiça Restaurativa é fundamental na prevenção e transformação de conflitos e no desenvolvimento de aprendizados nas relações de convivência cotidiana. Nas unidades do sistema socioeducativo em Pernambuco, temos buscado proporcionar momentos em que os adolescentes se colocam como protagonistas da reconstrução de suas histórias de vida. A Justiça Restaurativa tem sido uma aliada também no trabalho de estímulo ao acompanhamento efetivo, por parte dos familiares, do cumprimento da medida socioeducativa. Podemos dizer que os resultados têm sido animadores em mais de três anos de funcionamento do nosso Núcleo de Justiça Restaurativa, criado em 2019.

Nas instalações da Fundação de Atendimento Socioeducativo (Funase), a Justiça Restaurativa se fortaleceu ainda como indutora do trabalho de enfrentamento a qualquer tipo de preconceito e discriminação, buscando criar condições para que se estabeleça um diálogo baseado no respeito, na responsabilidade e na cooperação. Com isso, temos reforçado, ainda mais, alguns valores inegociáveis em nossa instituição: prezamos pela pessoa. Entendemos e trabalhamos diariamente para que todas sejam respeitadas. A promoção da cultura de paz em nossas unidades terá cada vez mais sucesso, antes de tudo, se tivermos uma instituição onde as pessoas se comunicam e se respeitam.

É um pouco dessa perspectiva transformadora que pretendemos mostrar nas páginas a seguir, valorizando o trabalho do grupo de Justiça Restaurativa e LGBTfobia e o protagonismo de nossos adolescentes na construção de suas histórias, que são, quase sempre, difíceis, traçadas por rejeições, preconceitos, depreciação e desamor. Neste trabalho, apresentamos mais que textos e imagens. Fica demonstrada uma luta que deveria ser inexistente, uma vez que ninguém deveria precisar lutar para ser aceito e ser respeitado. É uma batalha dura e diária, mas que desejamos travar para ser, enquanto instituição, um ambiente propício para o apoio, o acolhimento e a mudança. É exatamente como buscamos transmitir no título: Trans+Respeito significa que nosso desejo é que esta contribuição vá além dos muros da Funase, mobilize e gere reflexões.

Boa leitura!

Nadja Alencar
Presidente da Funase



APRESENTAÇÃO

Trazer à tona aquilo que nos transpassa, atravessa, não é tarefa fácil. Pior ainda quando as tentativas de silenciamento são partes de toda uma estrutura. Aprendemos com Conceição Evaristo¹ que contar nossas vivências é espalhar potências no mundo, é reivindicar nossa existência. Por esta razão, decidimos compartilhar narrativas que existem (resistem) em meio a turbilhões de dores. Promover o protagonismo e a visibilidade aos corpos dissidentes é também papel da Justiça Restaurativa, e o Núcleo de Justiça Restaurativa da Funase (Fundação de Atendimento Socioeducativo) se coloca como agente ativo desse movimento.

Ouvir as histórias de vidas nas práticas circulares conduziu-nos a esse movimento orgânico - por meio da ação coletiva - de produzir orientações não mais de um lugar a partir do topo, mas das próprias experiências, daquilo que se entende como “nosso lugar de fala”.

O Núcleo de Justiça Restaurativa da Funase iniciou em 2021 o processo de discussões sobre a Justiça Restaurativa e a LGTBfobia. Entendíamos que era necessário avançar e pautar uma Justiça Restaurativa que dialogasse com as questões que se dão no cotidiano social. Por isso, refletir sobre as violências estruturais que nos transpassam (toda violência nos transpassa enquanto comunidade) põe-se como um grande desafio. No entanto, cá estamos.

Nessas breves (ou longas, depende de como você enxerga) narrativas, apresentamos vozes que ecoam potências e coragens. Vozes de existências, resistências.

Boa leitura!

Marcela Mariz, Jailda Castro, Tânia Mara e Alexandro Pereira²

¹ Escritora, Doutora, Poetisa, Romancista, Ensaísta.

² Organizadores e integrantes do Núcleo de Justiça Restaurativa da Funase.



ESTE PAPO É [MUITO] SÉRIO!

“Respeitar como as pessoas se veem ou se reconhecem é o mínimo que a sociedade deve fazer. Até porque, para os LGBTQIA+, todos os dias são lutas. Tanto psicológica, como física. Somos muito fortes porque, apesar de toda a LGBTfobia, não temos vergonha de ser nós mesmos. Sabia que tem que ser muito corajoso para ser você mesmo nos dias de hoje? Ainda tem LGBTQIA+ morrendo todos os dias. A LGBTfobia ainda é muito grande no mundo inteiro. Então achamos que o mínimo que merecemos é ser respeitados.”³

³ E. W.

Em cada narrativa optamos por trazer as iniciais dos nomes sociais para proteção da identidade do adolescente.

É POSSÍVEL NOS CHAMAR PELO NOME QUE IDENTIFICAMOS COMO NOSSO?

“Bem... Desde criança, eu sempre ouvia comentários do tipo – ‘Maria Homem’, ‘Quer ser homem à pulso’. E eu confesso que doía, porque eu não sabia quem eu era ainda. Eu vim descobrir de certeza quem eu era aos meus 13 anos. Foi aí então que houve aquela mudança. Eu me descobri.”⁴

“A sociedade deveria nos tratar com mais respeito e amor, porque tem gente que esquece que temos sentimentos. Eu acho que é questão de caráter e amor ao próximo.”⁵

“Eu acho que a maioria da sociedade nos vê como aberrações... Que queremos mudar a ordem natural da vida. Mas eu não concordo. Aquele que nos criou nos deu livre arbítrio. E se ele, que é o dono dos céus e terras, não me julga, por que meros humanos acham que têm esse poder sobre nós? Eu acho que a sociedade deveria nos olhar com mais respeito, mais aceitação, mais amor ao próximo, porque eles esquecem que também somos humanos.”⁶



⁴ E. W.

⁵ E. W.

⁶ Y. V.



**VOCÊ SABIA QUE
[DIREITO] TEMOS O DIREITO DE
SERMOS CHAMADOS
PELO PRONOME QUE
RECONHECEMOS?**

“Acredito que, por sermos ‘meio que’ diferentes, isso não interfere em nada, até porque somos iguais. Só queríamos ser vistos como pessoas fortes que, apesar de nossas escolhas em um mundo preconceituoso e muito rígido, decidimos ser o que somos, respeitando o nosso semelhante.”⁷

“Eu não sei bem como falar, porque minha história é diferente. Eu entendi que eu era um menino trans depois. Sempre me considerei um homem normal, até machismo eu tinha na minha cabeça. Eu nunca sofri violência física, mas sofri a verbal. E meu maior problema é quando fico constrangido. Eu peço para as pessoas me chamarem de J., de ele. Quando esquecem, eu fico com muita raiva. Eu não consigo, às vezes, controlar. Mas agora, estou aprendendo. Antes eu queria resolver na violência, mas hoje eu uso a inteligência. É isso.”⁸

⁷ Y. V.

⁸ J. M.



PAPO RESTAURATIVO | 03

NOS PRONTUÁRIOS DEVE CONSTAR A **IDENTIFICAÇÃO** IDENTIFICAÇÃO DO NOSSO NOME SOCIAL

“[...] Foi aí que eu comecei a me sentir um pouco confortável com a minha aparência. E hoje, aos meus 18 anos, esses comentários não me atingem mais. Quer saber por quê? Minha família me aceita e me ama do jeito que sou. Tenho todo apoio que preciso, então nada mais me importa. Eu sou E. e sou um homem trans e tenho orgulho de mim.”⁹



“[...] Ainda não pensei em trocar o nome social por causa de minha mãe. Mas é o que eu mais quero. Se dependesse de mim, já tinha feito. Tenho muita vergonha e medo também. Quando as pessoas me chamam por outro nome que não seja J. me sinto muito constrangido.”¹⁰

“Na quarta-feira da semana passada, falei com minha assistente social para iniciar o processo de mudança do meu nome. Acho muito chato ainda ter meu nome de nascimento em documento. Essa semana eu tive um atendimento médico e falei para a médica que me chamasse de E. Eu sou E. Ela foi bem educada e me respeitou.”¹¹

⁹ E. W.

¹⁰ J. M.

¹¹ E. W.



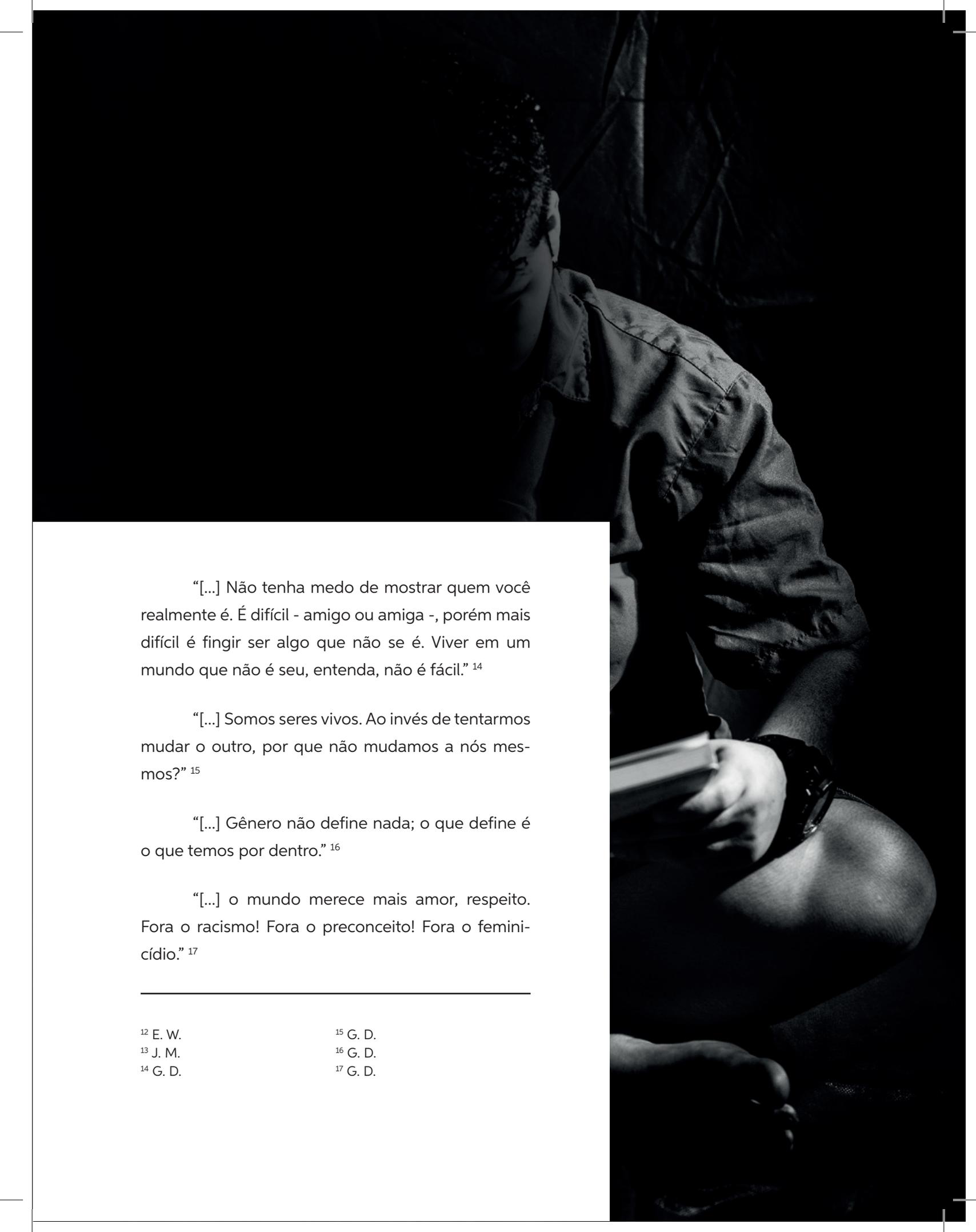


PAPO RESTAURATIVO | 04

ACÇÕES QUE PROMOVAM A [VISIBILIDADE] VISIBILIDADE TRANS SÃO IMPORTANTES

“Desde ‘pirraia’ eu sempre soube que tinha nascido no corpo errado. Sempre me olhei no espelho e nunca gostei do que via, e ainda me sinto assim. Espero um dia olhar para o espelho e gostar de me ver. Estou cansado também de ouvir: como é teu nome de registo, teu nome de verdade? Meu nome é E. e ponto final.”¹²

“Eu sou uma pessoa normal, então queria ser tratado como tal. Não tem nada de errado comigo.”¹³



“[...] Não tenha medo de mostrar quem você realmente é. É difícil - amigo ou amiga -, porém mais difícil é fingir ser algo que não se é. Viver em um mundo que não é seu, entenda, não é fácil.”¹⁴

“[...] Somos seres vivos. Ao invés de tentarmos mudar o outro, por que não mudamos a nós mesmos?”¹⁵

“[...] Gênero não define nada; o que define é o que temos por dentro.”¹⁶

“[...] o mundo merece mais amor, respeito. Fora o racismo! Fora o preconceito! Fora o feminicídio.”¹⁷

¹² E. W.

¹³ J. M.

¹⁴ G. D.

¹⁵ G. D.

¹⁶ G. D.

¹⁷ G. D.

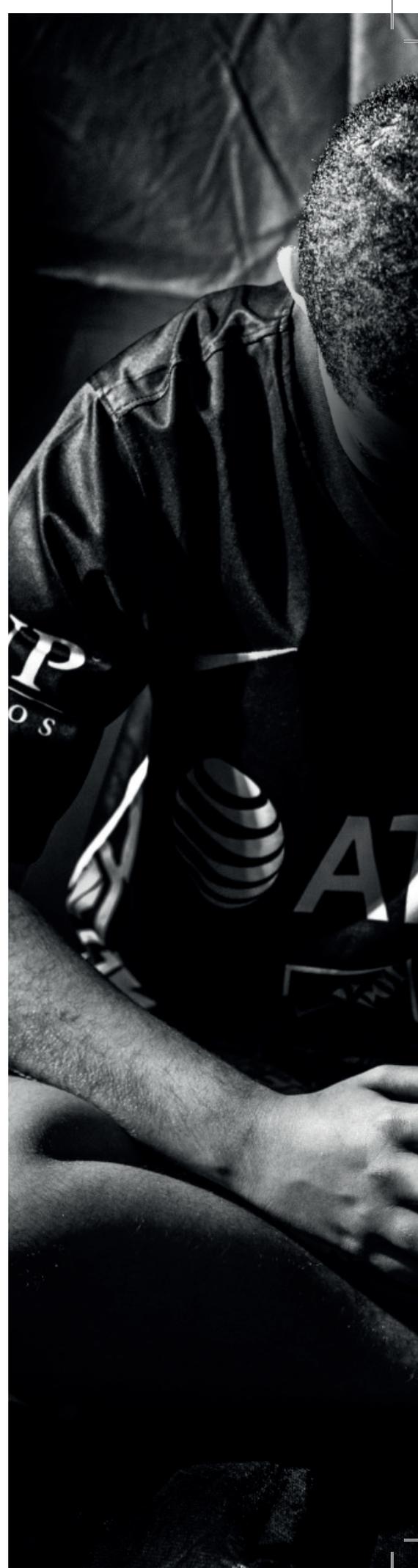
[PALAVRAS] ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

POR SANDRO SAYÃO¹⁸

Proximidade. Essa é talvez a melhor definição do encontro criativo vivido entre jovens e formadores, cujo resultado em parte temos aqui em mãos. Engana-se quem crê que em contextos preconceituosos ou na recusa violenta em se aceitar o Outro, que haja aí proximidade ou relação. Na violência, assim como nos momentos de guerra, não há troca nem tampouco encontro, mas apenas um desejo cego e absurdo de se aniquilar o que nos é diferente e tudo que esse possa representar. E por isso, quem vive ou viveu a violência em sua própria pele clama por ser visto e ouvido. Clama por aceitação e espaço, assim como pela possibilidade de ser reconhecido como é.

Os depoimentos que lemos aqui expressam um pouco de tudo isso. No fundo, tratam do não acolhimento de um modo próprio de ser, apenas errado para quem não consegue ultrapassar a si mesmo e sua forma de ver a realidade. Toda violência de gênero, toda transfobia e homofobia são, no fundo, contextos de negação e indiferença, assim como contextos de insensibilidade e frieza. Nelas se conjugam elementos de recusa ao que é diferente, como uma espécie de ojeriza àqueles que não são como se esperava ser. O que numa cultura como a nossa, cheia de hipocrisias e de concepções ultrapassadas de certo e errado, torna-se ainda pior.

Há entre nós muita falta de conhecimento e muitos medos gestados por discursos absolutamente ultrapassados e por um machismo estrutural que insiste entre nós. Há ainda inúmeros discursos religiosos carregados de uma normalidade inventada porque quem a partir de si mesmo quis dizer o que é





certo e o que é verdadeiro. Regras ultrapassadas, limitadas pela polaridade binária do que é ser homem e do que é ser mulher, ofuscam o fato de que somos plurais e múltiplos e que nada em verdade nos pode definir, nem mesmo nossos corpos. Nossa alma transita em estruturas que transcendem a trama biológica material, em que definições baseadas seja na biologia, seja na física e na química são sempre insuficientes. O que somos transcende a matéria, embora dependa dessa. E por isso sempre mudamos nossos corpos e os resignificamos, mesmo que, por vezes, em escalas diferentes.

Desta forma, só há um caminho para o distender das regras ultrapassadas que querem nos adequar e formatar: é quando rompemos a invisibilidade e damos voz a quem sempre esteve à margem. Esse é o milagre do encontro acolhedor e hospitaleiro promovido pela Funase e pelas formadoras responsáveis pelo trabalho com os adolescentes cujas falas aqui ecoam.

Na amorosidade que se revela na escuta atenta, foi dada voz e vez àqueles que normalmente não são vistos e ouvidos. Àqueles que são silenciados por uma sociedade que a partir do egoísmo falido determina “quem é” e “quem não-é”, quem tudo pode e quem simplesmente deve se adequar e se reconfigurar.

E nesse campo de pura horizontalidade, cada palavra aqui dita toma-se de grande potência. Delas emana uma reivindicação imensamente legítima ao direito de existir e ser como se quiser ser. Talvez sejam elas as primeiras que foram verbalizadas por bocas de quem tem tanto a dizer, mas que em razão de um silêncio imposto apenas agora conseguiram falar; ou talvez elas já tenham sido pronunciadas, mas jamais foram tão verdadeiramente acolhidas como o foram agora, o que justificaria o ressentimento que também carregam.

São palavras fortes de jovens que certamente teriam outras coisas a nos dizer, se o mundo no qual estão não lhes fosse tão perverso e indiferente e se a realidade que lhes contorna não lhes fosse tão inóspita. Talvez esses adolescentes não tivessem que ser já tão maduros e fortes se nossa sociedade não estivesse tão fixada em necessidades toscas e regras antiquadas que nada mais fazem do que criar sofrimento.

A pouca idade que têm não é simétrica a tudo que já experimentaram e sentiram e, por isso, cada fala é também como a ponta de um iceberg que, para além do que aparece ou se deixa ver, dissimula um universo de frustrações, de violência e rejeição, como também de sonhos e de luta. O que lhes roubou a inocência lhes deu, ao mesmo tempo, a maturidade de poder navegar em contextos de emoções e sentimentos difíceis, desconhecidos daqueles que sempre tiveram tudo e que sempre foram acolhidos. Por essa razão, de cada depoimento aqui registrado, há também um ensinamento. Algo se revela indicando a necessidade de sermos mais leves e amorosos, mais acolhedores e generosos, principalmente quando estamos falando de sexualidade e questões de gênero.

Assim, se nossa cultura e o contexto civilizatório em que estamos embarcados têm o poder de nos tornar distantes uns dos outros, que projetos inovadores como esse nos ensinem um novo caminho. É a partir deles que novos horizontes vão se desenhar e novas possibilidades haverão de ser vistas.

Foi assim quando as primeiras mulheres começaram suas lutas contra o machismo, quando os gays levantaram suas primeiras bandeiras e quando os negros gritaram por liberdade. Quando a cultura e sua microfísica reagem para que nada mude, somos nós juntos, com a força da juventude, que poderemos transformar a realidade. E não há transformação mais incrível do que aquela nascida da quebra de preconceitos, do reconhecimento de si mesmo e de que não há problema algum em se amar quem quisermos amar. E mais: que nada que diga respeito à forma como nos percebemos e sentimos, como nos reconhecemos enquanto indivíduos, no que concerne à nossa identidade de gênero, pode ser um problema.

Quando tudo isso nos for claro, quando descobrirmos que o que importa são as atitudes mais ou menos responsáveis que temos pelos outros, muito sofrimento será evitado e um outro contexto à vida social será inaugurado.

¹⁸ Doutor em Filosofia, pós-doutor em Filosofia Contemporânea pela Universidade de Paris, professor do Departamento de Filosofia da UFPE e Coordenador do Programa Virtus: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos.






Funase
Fundação de Atendimento Socioeducativo

Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
A RETOMADA NÃO PARA